

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira
(Organizadora)



Denise Pereira
(Organizadora)

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
Berilo Luigi Deiró Nosella	
DOI 10.22533/at.ed.8211925041	
CAPÍTULO 2	8
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
Angla Pereira dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8211925042	
CAPÍTULO 3	14
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
Regina Coeli Alcantara Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8211925043	
CAPÍTULO 4	24
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
Helber Renato Feydit de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 5	31
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
Marília Villanova Rodriguês	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 6	38
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
Guillaume Azevedo Marques de Saes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925046	
CAPÍTULO 7	46
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
Bruna Alves Carvalho Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925047	
CAPÍTULO 8	54
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE ¹	
Eduardo de Souza Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925048	
CAPÍTULO 9	65
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
Marcos Antonio de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925049	

CAPÍTULO 10	76
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
Ingrid Silva Lucas	
DOI 10.22533/at.ed.82119250410	
CAPÍTULO 11	85
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.82119250411	
CAPÍTULO 12	99
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
Flavia Salles Ferro	
DOI 10.22533/at.ed.82119250412	
CAPÍTULO 13	105
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
Luiz Henrique Santos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.82119250413	
CAPÍTULO 14	120
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
Samara Letycia Moura Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250414	
CAPÍTULO 15	127
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
Juçara de Souza Nassau	
DOI 10.22533/at.ed.82119250415	
CAPÍTULO 16	137
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
Lindsay Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250416	
CAPÍTULO 17	153
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
Maria Raphaela Campello	
DOI 10.22533/at.ed.82119250417	
CAPÍTULO 18	166
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
Makchwell Coimbra Narcizo	
DOI 10.22533/at.ed.82119250418	

CAPÍTULO 19	179
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.82119250419	
CAPÍTULO 20	195
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.82119250420	
CAPÍTULO 21	209
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
DOI 10.22533/at.ed.82119250421	
CAPÍTULO 22	217
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.82119250422	
SOBRE A ORGANIZADORA	226

ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO

Juçara de Souza Nassau

Universidade Federal de Goiás – Faculdade de
Artes Visuais
Goiânia – Goiás

RESUMO: Se a maioria das doenças pode ser detectável, possui uma organicidade, visibilidade, enfim, constitui-se de dados a partir dos quais se pode desenvolver uma ação médica, compreendemos que não é mera casualidade que as deformidades do corpo enfermo apreendem a atenção do olhar médico e foram historicamente representadas. Desde o período renascentista esse corpo disforme, tido como imperfeito, começou a ser considerado monstruoso e foi amplamente ilustrado. Embora muitas dessas ilustrações não tenham sido consideradas relevantes para o entendimento e estudo da anatomia humana, foram divulgadas em obras especializadas ou publicadas apenas a título de curiosidade, satisfazendo a mera exploração visual de uma aparência física, considerada diferente e, portanto, perturbadora. A partir dessas observações, propomos uma reflexão sobre a visibilidade das deformidades do corpo através das fotografias médicas produzidas pelo médico/fotógrafo Konstantin Christoff (1923-2011) na Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros-MG, em meados do século XX. Assim, refletiremos a

respeito das imagens das lesões das patologias dermatológicas, como foi o caso das epidemias como a varíola, das graves deformidades, dos hermafroditas, dos indivíduos afetados por gigantismo, entre outros que historicamente receberam atenção visual e promoveram a Cultura Visual da Medicina.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo defeituoso; Fotografia médica; Cultura Visual

ABSTRACT: If the majority of diseases can be detectable, it has an organicity, visibility, and finally, it is a data from which a medical action can be developed, we understand that it is not mere chance that the deformities of the diseased body apprehend the attention of the physicians and were historically represented. Since the Renaissance period this misshapen body, considered as imperfect, began to be considered monstrous and was amply illustrated. Although many of these illustrations have not been considered relevant to the understanding and study of human anatomy, they have been disseminated in specialized works or have been published only for the sake of curiosity, satisfying the mere visual exploration of a physical appearance, considered different and therefore disturbing. From these observations, we propose a reflection on the visibility of body deformities through the medical photographs produced by the physician / photographer

Konstantin Christoff (1923-2011) at the Santa Casa de Misericórdia in Montes Claros-MG, in the middle of the 20th century. Thus, we will reflect on the images of the lesions of the dermatological pathologies, as was the case of epidemics such as smallpox, severe deformities, hermaphrodites, individuals affected by gigantism, among others who historically received visual attention and promoted the Visual Culture of Medicine.

KEYWORDS: Defective body; Medical photography; Visual Culture.

1 | INTRODUÇÃO

Se a maioria das doenças pode ser detectável, possui uma visibilidade, enfim, constitui-se de dados a partir dos quais se pode desenvolver uma ação médica, compreendemos que não é mera casualidade que as deformidades do corpo enfermo apreendem a atenção do olhar médico e foram historicamente representadas. A partir dessas observações, propomos uma reflexão sobre a visibilidade das deformidades do corpo. Assim, refletiremos a respeito das imagens das graves deformidades, dos hermafroditas, dos indivíduos afetados por gigantismo, entre outros, que historicamente receberam atenção e promoveram a Cultura Visual da Medicina.

2 | AS PRIMEIRAS ILUSTRAÇÕES

Desde o período renascentista o corpo disforme, tido como imperfeito, começou a ser considerado monstruoso e foi amplamente ilustrado. Almejava-se a produção de imagens através do corpo perfeito. Tal como considerava a sua existência e com o qual pudesse ser apreciado, estudado com regularidade e consertado. Para tanto, através da produção de imagens, expunham-no em todos os seus detalhes: vislumbrava-se, ainda, a exata localização de cada membro e como se dispunham no corpo humano, assim, como a divisão de cada uma de suas partes (SILIBIA, 2012).

Apesar da pretensão de averiguar o funcionamento do corpo com anseios de tomá-lo como uma máquina perfeita e manipulável, num mundo dessacralizado, as obras dos primeiros ilustradores anatomistas, às vezes, apresentavam algumas aberrações e se distanciam do corpo idealizado e perfectível objetivado pela ciência. Notamos que muitas representações evidenciavam certa atmosfera espetacular e de ostentação. Era recorrente, nos primeiros desenhos e gravuras, o corpo humano mostrar-se incompleto, desproporcional e não representar a exatidão anatômica tão desejada pelos saberes científico e pelas ideias mecanicistas da época.

Nesse ponto, vale lembrar que para serem estudados, muitas vezes, os corpos eram saqueados em seus túmulos e desenhados às pressas. As partes do corpo não desenhadas eram substituídas por partes correspondentes dos desenhos anatômicos de animais. Surgiam, assim, desenhos com corpos incompletos, que posteriormente

eram complementados com a anatomia animal da qual já se tinha conhecimento. Para Ho Kim (2012), muitas vezes, os corpos tiveram suas proporções ajustadas para coincidir com os cânones artísticos renascentista de proporções do corpo humano ideal.



Figura 01: Sétima gravura dos músculos: o afrouxamento das cordas, Andréa Versalius, 1539.

Fonte: Saunders e O'Malley, 2002, p. 111

Nessa esteira, no livro *De Humani Corporis Fabrica* (1539) de Andreas Vesalius (1514-1564) verificamos, por exemplo, a imprecisão dos desenhos anatômicos e a carga de subjetividade que carregam que, em muitos casos, apenas ocasionava uma aparência dramática e “bizarra” nas figuras sem maiores preocupações com a objetividade científica (Figura 01). Dispõem-se cadáveres como personagens mumificados em poses, causando-nos estranhezas (SAUNDERS e O'MALLEY, 2002). Nesse sentido, para Ortega (2008, p. 144) essas ilustrações anatômicas renascentistas “apelam para o uso de poses canônicas de obras de arte reconhecidas” em que “o interesse de Vesalius é produzir uma descrição normativa da anatomia humana”.

Entre os séculos XVI e XVIII objetivando a perfeição na representação do corpo busca-se não apenas os desenhos precisos, mas também, os corpos perfeitos que servissem como modelo exemplar na representação da anatomia humana e que fossem capazes de fazer entender o seu funcionamento.

A partir da ambição de compreender o exato funcionamento do corpo e realizar as identificações e mapeamentos das doenças a partir das imagens, começa-se a verificar que produzidas manual e subjetivamente não continham a veracidade que os cientistas aspiravam. Esse fato levará à utilização da fotografia como novo mecanismo de registro desde a sua invenção por Louis Jacques Mandé Daguerre (1787 - 1851), em 1839. Segundo Silva (2003) no meio científico tornou-se aceita a noção de que a fotografia se constituía de técnica ideal para representar o corpo, sendo considerada superior ao desenho e a pintura, poderia registrar, com fidelidade, as aparências das

células ou dos cadáveres humanos.

Como resultado da produção e divulgação das imagens dos corpos, sejam considerados perfeitos ou não, temos as formas de percepção e os regimes de visualidades que se imbricam ora atendendo à objetividade da ciência e ora servindo-se da subjetividade da arte.

3 | REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO CORPO MONSTRUOSO

Embora muitas das ilustrações do corpo humano não tenham sido consideradas precisas e relevantes para o entendimento e estudo da anatomia foi amplamente divulgado em obras publicadas até meados dos séculos XVIII apenas a título de curiosidade, satisfazendo a mera exploração visual de uma aparência física, considerada diferente. Sejam consideradas criaturas da natureza ou produtos da imaginação humana (Figura 02), o fascínio, a curiosidade e o temor despertado, motivaram a presença de seres considerados monstruosos em obras dedicadas a fenômenos extraordinários e nos tratados de anatomia publicados na Idade Moderna. O entendimento do corpo monstruoso advém, em grande parte, das variadas interpretações que, ao longo da história, têm sido associadas a este tipo de seres. Esses fenômenos designados prodígios, “são encarados como a marca de uma transgressão moral grave acompanhada de um presságio de um castigo divino” ou “são simplesmente descritos como fatos da natureza com origem acidental e destituídos de significado moral” (COSTA, 2016, p. 11).



Figura 02: “Um monstro fêmea sem testa”. Ambroise Paré, 1563.

Fonte: Costa, 2016, p. 11

Outras imagens dos corpos considerados imperfeitos ficariam excluídas dos livros de medicina quanto os sujeitos portadores de alguma deficiência estavam relegados à exclusão da vida social, tidos apenas como “fenômenos singulares e extraordinários” a serem vistos e observados a certa distância física ou através de suas imagens.

Mas o que pode ser considerado um corpo perfeito? A respeito dessa percepção, Canguilhem (1978) mesmo considerando que os fenômenos vitais normais e patológicos foram atribuídos valores opostos, tornando-os uma espécie de dogma, essa autora entende a doença como o aumento ou a redução do estado normal. Nesse sentido, pondera que a fisiologia e patologia se confundem e considera a possibilidade de que alguns sintomas - mecanismos constantes no estado patológico - sejam os mesmos no estado da saúde e da doença. Tomada dessa maneira, “a saúde perfeita não passa de um conceito normativo, de um tipo ideal” (p. 54).

Para Stiker (2012), as teorias sobre o monstro se baseiam no excesso de características do corpo como as atrofias e as repetições de suas partes ou, então, os sujeitos possuidores de alguma deficiência, como os surdos, por exemplo. O enfermo físico não é só o corpo estropiado e mutilado é também o corpo disforme ou enfraquecido. É aquele que possuidor dessas particularidades se achou aproximado do corpo monstruoso, ao ponto de ser identificado com ele.

Esse sujeito leva todos os tipos de ataques e sofrimentos ao ser considerado um fenômeno a ser visto apenas através de suas estranhezas anatômicas. Para Courtine (2011, p. 254), em Paris, no século XIX, eles desfilaram em carros, junto com animais, igualmente curiosos, eram visitados em feiras “com a banalidade rotineira” e “os olhares faziam um inventário sem limites da grande exibição das bizarrices do corpo humano”.

Podemos entender, a partir dessas colocações que, nesse século, a curiosidade impera assim como a insensibilidade. Os “anormais”, também, são sujeitos rejeitados pela família e vagam pelas ruas, hospitais e hospícios. Eram, muitas vezes, percebidos numa perspectiva religiosa como sinais mais ou menos maléficos. E apesar do conceito de monstruosidade, num primeiro momento, nada ter a ver com a degeneração, essa relação se estabelecerá com o passar dos anos e se aplicará, também, às enfermidades mentais (STIKER, 2012).

Nesse período, no Brasil, os sujeitos considerados defeituosos ainda eram classificados como idiotas aos quais, também, não deveria ser dada muita atenção por parte dos “sábios médicos”, que não lhes dirigiam a atenção de um saber particular. “É uma história de separações, diferenciações, classificações, cortes incessantes” (LOBO, 2011, p. 414-415).

4 | FOTOGRAFIA: ENTRE O REGISTRO DO ESPETÁCULO E O INSTRUMENTO DE SEGREGAÇÃO

No século XIX, nos hospitais e asilos Europeus produziu-se um imenso arquivo fotográfico das pacientes. Nesses lugares, através da fotografia e do vídeo, recursos utilizados como ferramentas da ciência, mapeou-se a doença, registrou-se a dor em meio a experiências clínicas (entre elas os eletrochoques), crises de epilepsia e práticas de hipnoses com o intuito de descobrir a verdadeira fonte do comportamento

patológico desses sujeitos que se isolaram e se deixaram servir de experimentos de cunho científico.

Para Didi- Huberman (2015) o asilo *La Salpêtrière*, em Paris, é considerado como o “teatro dos crimes” e uma “fábrica de imagens” onde foram registradas as reações dos corpos perante as técnicas de hipnose (Figura 03) e eletrochoques.



Figura 03: Paul Regnard, “Atitudes passionais”, Paris, 1878.

Fonte: <http://www.softrevolutionzine.org/2017/le-rappresentazioni-dell-isteria/>

Para Didi-Huberman, (2015) as internas desse asilo foram classificadas por Jean-Martin Charcot (1825-1893) como um objeto do olhar e as imagens de suas dores, um mero espetáculo a ser mostrado ao público. A exemplo disso cita o prefácio escrito por Charcot, da *Revista fotográfica dos hospitais da Paris*, de 1869 e questiona a projeção da dor na imagem e do espetáculo que daí vem e comenta:

[...] certamente não constava a palavra “horror” (havia antes, “*honra de oferecer ao público*” – “*médico*”, vale destacar – o espetáculo verdadeiro “*dos casos mais interessantes*” e mais “*raros*” da patologia; havia também nesse prefácio palavras como “*verdade*”, “*benefício*”, “*magnífico*”, “*pleno sucesso*”, etc.). Mas, para nós, seres sensíveis (e que não somos “do ramo”), trata-se de um verdadeiro catálogo de horrores. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 61, grifos do autor)

Os registros desses “espetáculos” e catálogo de “horrores” evidenciava, dessa maneira, a correlação entre os aspectos físicos, a gestualidade e a capacidade cognitiva que criariam a representação dos sujeitos em diversas áreas do conhecimento. Assim, coisifica-se o indivíduo e o insere em categorias criadas a partir dos gestos, das posturas, na figuração ou características das fâceis, nas medidas do corpo, entre outros métodos que acabam por refletir numa classificação física dos tipos e/ou na criação imagética das personalidades.

5 | O REGISTRO FOTOGRÁFICO DO CORPO ANORMAL

Para Courtine por volta da década de 1880 que a “exibição do anormal” e das diferenças do corpo humano atingirá o ponto máximo:

[...] elemento central de um conjunto de dispositivos que fazem da exposição das diferenças, estranhezas, deformidades, enfermidades, mutilações, monstruosidades do corpo humano o suporte essencial de espetáculos onde se experimentam as primeiras formas da indústria moderna da diversão de massa (2006, p. 254).

Ao final desse século, além de proporcionar divertimento ao público com a exposição dos sujeitos em espetáculos, também a imagem do corpo defeituoso foi exposta e divulgada, a mero título de curiosidade. Mais uma vez o corpo se torna espetáculo e, para isso, um novo recurso será utilizado para comprovar a sua existência: a fotografia.

Um exemplo desse fato são as fotografias produzidas pelo fotógrafo Christiano Junior (1832-1902). Esse fotógrafo realizou a partir de 1865 (Figura 04), segundo Kossoy (2002) uma “coleção de *typos pretos*” colocadas à venda sob forma de *carte de visite* “bem ao gosto da antropologia social e das teses racistas em voga na Europa” (p. 174).

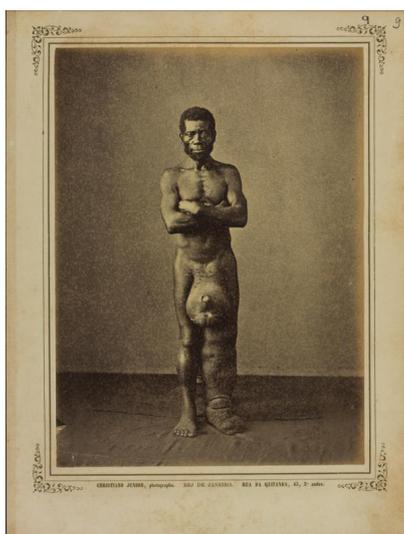


Figura 04: Christiano Junior, Elephantiasis, cc. 1866.

Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br>

Além da deformidade física e lado a lado com a exibição dos monstros humanos, segundo Courtine (2006, p. 256), que “as diferenças raciais foram a princípio objeto de espetáculo, diante de olhares prontos a adivinhar a anomalia monstruosa sob a estranheza exótica”.

Nessa esteira, o diferente se destaca, sejam diferenças raciais ou deformidades físicas. Os sintomas visíveis e as marcas da doença diferenciariam o indivíduo dos demais. Ao referir-se à fotografia médica dos hermafroditas Cascais (2017) reflete a respeito objetificação dos sujeitos como espécimes patológicos e do poder médico

que procura reestabelecer a eles a normalidade:

daqueles que o tornavam idêntico aos tipos estabelecidos pelas diferentes ciências de classificação taxonômica dos sinais visíveis, como a fisiognomia. A fotografia médica e científica dos hermafroditas que pareciam pôr em causa esses sistemas de classificação visa pois restituí-los à normalidade, tais como a restante fotografia judiciária e policial dos indivíduos perigosos (prostitutas, delinquentes, homossexuais, vadios, alcoólicos, doentes mentais, etc.). (CASCAIS, 2017, p. 60)

Instaura-se aí um regime de visibilidade. No qual visa caracterizar de forma distintiva a normalidade e/ou precisar o grau de anomalia do corpo em oposição ao que deve ser considerado norma ou normal. Resta ao sujeito a conformação orgânica que ficará registrada e, de certa maneira, moldada na imagem a legitimar a segregação desses indivíduos.

Nessa esteira citamos outro fotógrafo brasileiro que também registrou imagens das deformidades do corpo: Konstantin Christoff (1923-2011). Médico, artista e fotógrafo que residiu na cidade de Montes Claros- MG onde chefiou o Serviço de Cirurgia da Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros e atuou como médico cirurgião geral e cirurgião plástico por mais de quarenta anos (METZLER, 1990).

Percebemos através da fotografia realizada por Konstantin Christoff produzida na Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros-MG e na periferia dessa cidade, em meados do século XX, que poucas mudanças de perspectiva ocorreram na visibilidade dada ao corpo, comparativamente aos posicionamentos do século anterior. A Figura 05, por exemplo, é intitulada “mulher barbada” pelo médico/fotógrafo e capturada pela lente de sua câmera. O desvio da normalidade se faz presente e exhibe-se na imagem sob a “estranheza exótica”.



Figura 05: Konstantin Christoff, “Mulher barbada”, Montes Claros-MG, 195-.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Elvira Curte R. Christoff

No campo das percepções das anomalias corporais as enfermidades acabam tendo um lugar de destaque, passíveis de construir olhares coletivos. Sicad (2006, p. 146-147) nos afirma que “a fotografia troca as anatomias pelas aparências”. Nesse sentido as fotografias médicas irão registrar a superfície do corpo, das lesões dermatológicas às protuberâncias da pele (Figura 06) exibindo as deformidades corporais através de suas imagens.



Figura 06: Konstantin Christoff, s/t, Montes Claros-MG, 195-.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Elvira Curte R. Christoff

Assim, a fotografia médica tentará, através do registro do corpo enfermo, definir uma norma ao diferenciar o sadio do patológico (FABRIS, 2002, p. 35). Nessa esteira, Ortega (2008, p. 144) afirma que na história de visualização do corpo coexiste uma procura pelo “normal ou típico com uma exigência estética pelo perfeito”.

Portanto, a história do corpo é também a história da visibilidade dada a ele. É a insensível exposição das diferenças e, principalmente, a visão mórbida que, espetacularmente, alimenta os regimes de exclusão.

6 | CONCLUSÃO

Os registros do corpo, sejam desenhos ou fotografias, tornam-se um dispositivo para divulgar o corpo considerado anormal com as mais diversas intenções, mas constantemente, como atestado de presença e ligados aos regimes de segregação.

Na presença perceptiva das anomalias corporais se apagam as outras distinções, o ser humano passa a ser visto apenas externamente e a ser mero “monstro”. É conflitante notar que, durante séculos, esses sujeitos causaram fascínio, foram excluídos e colocados à margem da sociedade. Ao longo do tempo se inaugurará uma nova fase em que os portadores de alguma enfermidade ou deficiência física, poderão sair da reclusão em que foram submetidos e de uma visibilidade apenas tida como concomitantemente espetacular e pavorosa.

REFERÊNCIAS

CASCAIS, A.F. **A cultura visual da medicina e os prodígios da fotografia**. In M. Oliveira & S Pinto, Atas do Congresso Internacional Comunicação e Luz. (p. 87-96) Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2373 Acesso em 23 junho de 2017.

_____. **Hermafroditismo e intersexualidade na fotografia médica portuguesa**. Comunicação e Sociedade, vol. 32, 2017. <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/2751/2659> Acesso em

12 de fevereiro de 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. **O corpo anormal**: História e antropologia culturais da deformidade. In. CORBIN, Alain, et all. História do corpo: as mutações do olhar. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2006

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Trad. Maria Tereza R. de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio da Cunha. **A representação do louco e da loucura nas imagens de quatro fotógrafos brasileiros do século XX**: Alice Brill, Leonid Streliaev, Cláudio Edinger, Cláudia Martins. Tese (Doutorado em Artes) Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, 2010.

COSTA, Palmira Fontes da. **O lugar das imagens na percepção e entendimento do corpo monstruoso, 1550-1750**. ArtCultura, Uberlândia, v. 18, n. 32, p. 9-23, jan.-jun. 2016. Disponível em http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF32/05_O_lugar_das_imagens_na_percepcao_e_entendimento_do_corpo.pdf Acesso em 10 de Julho de 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invenção da histeria**: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

FABRIS, Anateresa. **Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

METZLER, **Via sacra: Konstantin**. In SACRAMENTO, Enock, et all. Arte e Medicina. São Paulo: Sadalla Galeria de Arte, 1990.

LOBO, Lília Ferreira. **Exclusão e inclusão: fardos sociais das deficiências e das anormalidades infantis no Brasil**. In PRIORI, Mary Del; AMANTINO, Márcia (Org.) São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SILIBIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo subjetividades e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, James Roberto. Doença, **Fotografia e representação. Revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925**. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. S.P, 2003.

_____. Fotografia e ciência: a utopia da imagem objetiva e seus usos nas ciências e na medicina. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. vol.9 no.2 Belém Maio/Ag. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222014000200006 Acesso em 12 de dezembro de 2017.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-282-1

